

A escuridade en causa: novos elementos para a análise dos procesos culturais na Galiza do século XVIII

LUCIA MONTENEGRO PICO

Grupo Galabra, Universidade de Santiago de Compostela

Resumo:

Este relatório presenta umha revisom do discurso historiográfico fabricado sobre o século XVIII em Galiza. À luz de conclusons derivadas de trabalhos prévios do nosso grupo de investigación, detectamos modos de análise sobre o objecto em causa que tenhem resultado distorcionadores para o conhecimento dos procesos culturais deste período. Neste sentido, certos elementos operativos no estudo do campos culturais no século XVIII galego fôrom desatendidos, fundamentalmente polo discurso historiográfico literário. Debido à aplicaçom dumha focage excessivamente centrada nos produtos culturais impressos, um conjunto significativo da documentaçom que circulou foi desestimado, assi como foi obviada a pertinência do estudo dos espaços como fonte de informaçom sobre os procesos culturais. Na delimitaçom do corpus também interferiram outros critérios desenfocadores como o critério lingüístico ou filológico, que reduziu o corpus significativamente, ao nom ser contemplada aquela produçom veiculada em latim, espanhol ou noutras línguas foráneas como o italiano. A nossa proposta consiste, portanto, na reabilitaçom destes elementos nom contemplados na análise e na revisom dos critérios metodológicos utilizados para a configuraçom do corpus, em aras da implementaçom dum olhar mais panorámico e integrador, e portanto mais rigoroso, sobre os campos culturais deste período.

Palavras chave: Processos culturais, discurso historiográfico, metodologia, século XVIII, Galiza

Abstract:

This paper presents a review of historiographical literature on the 18th century in Galicia. According to the previous conclusions from our own work, we identified modes of analysis, that, in our opinion, had failed to shed light on the cultural processes of this period. Certain elements, useful for studies in this field, have been rejected mainly by literary historiographical discourse. By focusing exclusively on printed texts, a whole set of circulating documentation, printed or not, was dismissed; the relevance of space as a source of information on cultural processes was not taken into account. The linguistic or philological criterion was also used to significantly reduce the corpus, due to the rejection of the production issued in Latin, Spanish or foreign languages as Italian. Therefore, our proposal is to take these elements into account for the analysis and to rethink the methodological criteria used for the constitution of the corpus, in order to implement a wider and inclusive, and thus more rigorous, glance on cultural fields of this period.

Key words: Cultural processes, historiographical discourse, methodology, Eighteenth-century, Galicia

Este trabalho nutre-se do labor colectivo que tem empreendido a nossa equipa investigadora através de diferentes trabalhos que tenham como objecto a análise do funcionamento dos campos culturais na Galiza setecentista, assi como o conhecimento construído a respeito deste período¹. Neste sentido, as hipóteses que se derivam destes trabalhos e desta própria comunicação som resultados preliminares dum projecto ainda em andamento.

Um dos objectivos que persegue esta comunicação é o de explicitar aquelas deficiências metodológicas e desajustes de análise que fôrom detectadas no processo de elaboração de conhecimento que acometeu a historiografia literária a respeito da produção cultural da Galiza do século XVIII.

Neste sentido, estes problemas metodológicos evidenciam maioritariamente processos deficitários mais profundos, que tenham a ver com os objectivos delimitados pola historiografia literária tradicional. Trabalhos anteriores do nosso grupo de investigação² tenham identificado umha dinâmica comum na historiografia literária galega, tendente à elaboração dumha metanarração sobre a produção literária, alicerçada num discurso nacional legitimador. Van Rees e Dorleijn³ num artigo cujo propósito é revisarem a noção bourdiana de «campo literário» aplicada ao século XVIII observando o tratamento que a historiografia literária tradicional dispensou a este período, argumentam que esta estratégia de legitimação nacional é comum a toda a historiografia literária europeia, de modo que tenham deparado com que os historiadores no lugar de exercerem um labor crítico de conhecimento dum período dado, tenham-se transformado em agentes de produção simbólica a respeito do objecto, neste caso a produção literária nacional, de que eram estudiosos. A seguir, constataremos como se concretizam estes problemas de análise em diferentes aspectos da delimitação do corpus de estudo historiográfico.

Numha primeira dimensão de análise, observamos como certos elementos fôrom obviados na configuração do corpus de estudo, e com isto apartados da análise, pola historio-

¹ De entre o conjunto da produção recente da nossa equipa investigadora, esta comunicação mostra-se especialmente devedora das hipóteses achegadas polos trabalhos de Blanco de la Barrera (2010a e 2010b) e a comunicação de Blanco de la Barrera «Unwriting history, Filling Blanks of the National Memory: Enlightened Period in the Galician Case», apresentada no *38th Annual Conference of the British Society for Eighteenth-Century Studies* [Oxford, 6-8 janeiro de 2009]), os quais abordam o processo de elaboração de conhecimento sobre o período ilustrado; assi como, os trabalhos de Bello Vázquez (2008) e Fernández Seoane (2009), junto com o relatório desta última «Networks, Groups and Public Institutions. Problems and Solutions on Primary Source Material», apresentado na *38th Annual Conference of the British Society for Eighteenth-Century Studies* (Oxford, 6-8 janeiro de 2009).

² Consulte-se a este respeito Blanco de la Barrera (2010a, 2010b) em que aborda com maior profundidade os aspectos ligados à configuração dos processos identitários nacionais na historiografia galega.

³ «In a general way, literary historians' professional orientation accounts for their lack of production of relational studies in a historical perspective. Since the start of their professionalisation, in the last quarter of the nineteenth century, historians of literature have concentrated on writers and their works. They see the dissemination of humanism and cultural tradition as their primary goal, (cf. Laan, 1997). Despite debates between adherents of different approaches in historiography and literary analysis, literary historians have been less inclined to inquire into the assumptions and premises underlying their literary-critical involvement in symbolic production. In interpreting, evaluating and ranking literary works, they practice at an object level what, in an empirical-theoretical perspective, they are supposed to analyze at a meta-level. In preferring the role of agent of symbolic production to that of analyst of this process, their reflection on principles underlying a relational mode of analysis is almost nil» (Van Rees & Dorleijn, 2001: 335).

grafia literária. De entre estes elementos podemos distinguir os seguintes, pertencentes a duas esferas diferentes: a produção escrita nom impressa (manuscritos, folhas volantes, pregos, etc.) e, por outro lado, os espaços –tanto os espaços físicos como os sociais e/ou simbólicos; cujo fenómeno de exclusom do corpus explicaremos a seguir dum modo mais profundo.

Hipotetizamos que este procedimento reducionista na selecção do corpus reproduz num plano mais profundo problemas quanto à perspectivação do objecto de estudo, que tenham a ver com a implementação de critérios anacrónicos na análise do campo cultural; mas, cujo problema metodológico principal radica na escassa operatividade destes critérios para o estudo do período abordado.

Neste sentido, um destes critérios estabelecidos pola historiografia literária consiste na tendência a privilegiar o material textual édito de modo impresso, em detrimento de todo um conjunto quantitativamente relevante de documentos de distinta natureza que nom adoptaram este formato⁴.

Contrariamente a isto, diferentes estudos mostram como a imprensa nom se expande de forma estável e homogénea em Galiza até finais do XIX, nom deixando esta de ser durante todo o século XVIII umha actividade minoritária, concentrada em certos núcleos urbanos, fundamentalmente na cidade de Santiago, e detentada por umhas quantas famílias de impressores (*vid.* Rey Castelao, 1998: 105-107). Deste panorama do circuito do livro desprende-se que existiam outros formatos para a circulação dos textos escritos: fundamentalmente o formato manuscrito, o qual nas suas diferentes modalidades (em forma de pregos, folhas volantes, ou em forma de correspondência pessoal trocada entre agentes, etc.) representa segundo Chartier (2006: 15) durante todo o XVIII o soporte predominante para a publicação e transmissom de textos. Prova do predomínio da folha volante é o facto de os arquivos galegos custodiarem um elevado e significativo volume de material documental manuscrito que data desta época, podendo termos assi mesmo constância desta produção manuscrita através da informaçom indirecta que nos fornece a bibliografia.

À luz deste fenómeno, devemos insistir no facto de que, pese a que no século XVIII o circuito do livro impresso funcionava com regulariedade em certos pontos da geografia urbana galega, a imprensa nom conseguirá relegar o manuscrito como formato de maior produção e circulação, resultando igualmente eficaz, ou em certos casos, ainda mais rendível que o livro impresso no que respecta às possibilidades dumha difusom mais dinâmica e interclassial de produtos e ideias. Neste sentido, Chartier (2006: 138) identifica umha série de factores que segundo a sua opiniom favoreceriam a escolha maioritária deste formato como meio de publicação, a saber: a procura de umha difusom maior e mais eficaz, o abaratamento dos custos de publicação da obra, o carácter intrinsecamente transitório de certos produtos literários —como aqueles que eram recitados em tertúlias ou salons, os quais adoptavam este formato devido ao seu carácter mais acessível—, ou bem, o facto de estes textos adoptarem umha funcionalidade restringida ao âmbito familiar.

⁴ Raquel Bello (2008: 126) tem abordado com maior profundidade este problema.

A adopçom deste critério quanto à delimitaçom do corpus favorece, portanto, o desenvolvimento dumha análise desenfocada dos procedimentos de difusom repertorial e mesmo nos obriga, ante a percentagem maioritária de textos manuscritos, a formularmo-nos a seguinte pergunta: o que significa publicar no século XVIII? Concordamos, neste sentido, com a reformulaçom da definiçom de «publicar» que propom Bello Vázquez (2008: 132-134), a partir da consideraçom dos sentidos do verbo «publicar», manejados nos dicionários de referência no campo cultural português do XVIII, isto é, principalmente o *Vocabulário* e o *Dicionário* de Raphael Bluteau (posteriormente corregido por Moraes da Silva).

Esta revisom chama a atençom para o facto de que no XVIII a definiçom deste termo fosse muito mais laxa e abrangente do que a definiçom contemporânea, no sentido em que por «publicar» nom se entendia apenas o processo de tornar édito um livro em forma impressa, senom que nesta acepçom cabia qualquer tipo de açom que levasse a «tornar público» um texto (isto é, genericamente, o processo de oferecê-lo ao público), contemplando assi mesmo os manuscritos como textos publicáveis. Assi, em lógica com os modos mais habituais de «publicar» no XVIII, a açom de «publicar» passava maioritariamente pola publicaçom em formato manuscrito.

Noutro sentido diferente, os espaços também fõrom objecto dumha interpretaçom em certa medida limitadora, no que atinge às suas potencialidades como fontes de informaçom directa a respeito dos processos e dinâmicas culturais que prevalecem nos campos culturais deste período.

Tradicionalmente integrados em estudos específicos de história ou arquitectura urbana os espaços som referidos tangencialmente na historiografia literária e contemplados restritivamente como pano de fundo dos processos culturais, ao entender-se que estes componhem o que no discurso historiográfico literário costuma identificar-se com o «contexto» dos processos culturais. No entanto, a análise dos espaços pode fornecer-nos informaçom de proveito sobre o funcionamento e a organizaçom do campo cultural no século XVIII: o tipo de actividades culturais e fórmulas de sociabilidade imperantes, os modos de representaçom e organizaçom social das mesmas —por exemplo, mediante o estudo da arquitectura dos teatros—, a observaçom de determinadas áreas geográficas que acolhem umha produçom cultural mais dinâmica, etc., como demonstraremos a seguir.

Para verificar a funcionalidade dos espaços na Galiza do XVIII, o campo teatral, polas suas próprias características, assinala como este tipo de informaçom fornecida polos espaços de encenaçom teatral dá conta, assi mesmo, do funcionamento de umha estrutura maior em que estes espaços se integram, e que constitui o sistema cultural do século XVIII em Galiza. Por exemplo, a existência documentada de edificios habilitados para a posta em cena de peças teatrais na geografia urbana galega evidencia o desenvolvimento no XVIII de umha rede de representaçoms teatrais⁵. Mas, se apurarmos a análise podemos chegar a obter hipóteses mais

⁵ Estas e outras hipóteses a respeito do campo teatral galego tenhem sido esboçadas num trabalho prévio em que realizamos umha revisom sobre o tratamento historiográfico que foi dispensado ao fenómeno teatral na Galiza do século XVIII (*vid.* Montenegro Pico, 2010).

precisas: por exemplo, a concentração de teatros em zonas costeiras contribui para a identificação de certas áreas geográficas concretas que se caracterizavam por acolher umha maior concentração de actividades culturais.

Ao lado destes espaços físicos, o estudo doutros espaços de natureza social, e nom apenas física, pode resultar também rendível: sirva de exemplo o caso dos salons ou das tertúlias, que representavam espaços alternativos de sociabilidade e, portanto, de circulação de ideias ou de elaboração de programas de actuação.

Outro critério delimitador de forte peso vem determinado pola língua. A assunção do critério lingüístico para a definição da margens do campo para este período em particular apresenta o problema metodológico da exclusão do corpus dumha porcentagem mui elevada de produtos culturais que fôrom produzidos e circularom no espaço social galego. Este fenómeno comporta inevitavelmente a perda dum volume de informação considerável para o conhecimento do funcionamento do campo cultural estudado. A este respeito a historiografia literária costuma acolher-se ao critério filológico (como definidor cultural e delimitador da literatura nacional) para justificar esta operação de redução do corpus. Este método de actuação sustenta-se no facto de a tradição historiográfica galega intervir condicionada indirectamente polo rejeitamento a aquela produção cultural veiculada especificamente em língua espanhola, que funcionaria como parâmetro cultural de oposição. Nom obstante, a consulta das fontes primárias da época revela que umha parte significativa da produção cultural existente no espaço galego do XVIII era transmitida mediante outras línguas, para além do espanhol, como o latim ou o italiano. Diferentes trabalhos que abordan o assunto do teatro na Galiza do XVIII apoiam esta hipótese, apontando para o assentamento regular em Corunha e Ferrol de companhias de orixe italiana como a de Nicolà Setaro —ou posteriormente a companhia de Alfonso Nicolini— que utilizavam esta mesma língua para as suas interpretações operáticas (*vid.* Carreira Antelo, 1991; Sánchez García, 1997; Vigo Trasancos, 2007; De los Ríos, 1998).

Por outro lado, esta hipótese fica reforçada de acudirmos às crónicas dos viajantes estrangeiros que passaram por Galiza nesta altura, nomeadamente, os testemunhos de viajantes británicos como Robert Southey (*vid.* García Blanco-Cicerón, 2006: 313) e Alexander Jardine —posterior cónsul na Corunha— (*vid.* Jardine, 2001: 63), ou o político norteamericano John Adams —futuro presidente dos EE.UU.— (*vid.* González López, 2005: 22); os quais informam da encenação de óperas em língua italiana programadas dentro do calendário da temporada teatral destas duas cidades.

Revisados alguns dos problemas que se derivam dos critérios empregados pola historiografia literária na delimitação do corpus, distanciamo-nos deste modelo de actuação e propugnamos umha necessária reformulação do objecto de estudo historiográfico, em que se deva prestar atenção a elementos tradicionalmente desestimados por esta disciplina.

Consideramos, portanto, imprescindível no estudo de processos culturais a incorporação ao corpus de estudo de toda aquela documentação manuscrita vinculada aos campos de produção cultural, assi como o estudo dos próprios espaços de desenvolvimento dos fenómenos culturais.

Esta reconfiguração do corpus estará ligada à assunção dumha perspectiva de estudo integradora e panorâmica, que possibilite umha fotografia mais precisa de todos os factores que intervemem de forma complexa na constituição dos campos culturais na Galiza do período ilustrado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bello Vázquez, R. (2008). «Escrever, imprimir, publicar. Conceitos a rever no estudo da Ilustração». In Paz Romero Portilla, Manuel Reyes García Hurtado (eds.), *El libro en perspectiva. Una aproximación Interdisciplinaria*. A Coruña: Universidade da Coruña Servizo de Publicacións, 123-138.
- Blanco de la Barrera, L. (2010a). «Contar as Luzes: Processos de fabricação de ideias sobre a Ilustração na Galiza». In Helena Rebelo, Fernando Figueiredo & Thierry Proença dos Santos (eds.), *Actas do IX Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*. Funchal: Universidade da Madeira. (No prelo.)
- (2010b). «Projectar (umh)a memória, seleccionar (umh)a história. Espaços de produção do saber sobre a Ilustração na Galiza e a sua vinculação com os espaços de formulação da identidade». In Manuel Carlos Silva et al. (orgs.), *[Actas do] X Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Sociedades desiguais e paradigmas em confronto*. Braga: Centro de Investigação em Ciências Sociais, Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, vol.1 [Lusofonia e (neo)colonialismo: Culturas e valores, identidades linguísticas e estudos pós-coloniais], 245-248. Acessível em: <<http://www.xconglab.ics.uminho.pt/>>. ISBN: 978-989-96335-0-6.
- Carreira Antelo, X. M. (1991). *La temporada teatral 1791-92 en A Coruña: el pleito Cañizares-Nicolini*. A Coruña: Instituto José Cornide de Estudios Coruñeses, 109-124 [separata].
- Chartier, R. (2006). *Inscribir y borrar: cultura escrita y literatura (siglos XI-XVIII)*. Víctor Goldstein (trad.). Buenos Aires: Katz.
- De los Ríos, J. (1998). «Orígenes de la ópera en Ferrol», *Ferrol análisis* 12, 98-103.
- Fernández Seoane, P. (2009). «Métodos e problemas para o estudo da intervención institucional nos repertorios culturais do século XVIII: o caso da Universidade de Santiago de Compostela». In Camilo J. Fernández Cortizo, Vitor Manuel Migués Rodríguez & Antonio Presedo Garazo (eds.), *El mundo urbano en el siglo de la Ilustración*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, vol. I, 349-362.
- García Blanco-Cicerón, J. (2006). *Viajeros angloparlantes por la Galicia de la segunda mitad del Siglo XVIII*. A Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza.
- González López, E. (2005). *El paso por Galicia de dos futuros presidentes de Estados Unidos: John Adams y su hijo John Quincy Adams*. Oleiros (A Coruña): Trifolium, El Taller de Juan.
- Jardine, A. (2001). *Cartas de España*. José Francisco Pérez Berenguel (ed. crítica, trad. y notas). Alicante: Universidad de Alicante.
- Montenegro Pico, L. (2010). «Produção teatral, teatros e sociabilidade na Galiza na viragem do século XVIII para o XIX». In Manuel Carlos Silva et al. (orgs.), *[Actas do] X Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Sociedades desiguais e paradigmas em confronto*. Braga: Cen-

tro de Investigação em Ciências Sociais, Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, vol. 1 [Lusofonia e (neo)colonialismo: Culturas e valores, identidades linguísticas e estudos pós-coloniais], 281-285. Acessível em <<http://www.xconglab.ics.uminho.pt/>>. ISBN: 978-989-96335-0-6.

Sánchez García, J. Á. (1997). *La Arquitectura teatral en Galicia*. A Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza.

Rey Castelao, O. (1998). *A Galicia clásica e barroca*. Vigo: Galaxia.

Van Rees, K. G. J. D. (2001). «The eighteenth-century literary field in Western Europe: The interdependence of material and symbolic production and consumption», *Poetics* 28, 331-348.

Vigo Trasancos, A. (2007). *A Coruña y el Siglo de las Luces: la construcción de una «Ciudad de comercio» (1700-1808)*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela; A Coruña: Universidade da Coruña.